

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**BÁRBARA RIBEIRO ROCHA**

**A COLABORAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SECTARISMO POLÍTICO COTIDIANO:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DEBATE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

**PATOS DE MINAS  
2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**BÁRBARA RIBEIRO ROCHA**

**A COLABORAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SECTARISMO POLÍTICO COTIDIANO:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DEBATE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Aline Fernandes Alves

FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
Curso Bacharelado em Psicologia

**BÁRBARA RIBEIRO ROCHA**

**A COLABORAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SECTARISMO POLÍTICO COTIDIANO:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DEBATE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 05 de dezembro de 2019.

Orientadora: Profa. Ma. Aline Fernandes Alves  
Faculdade Patos de Minas

Examinador: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Junior  
Faculdade Patos de Minas

Examinador: Prof. Ma. Karla Lemgruber  
Faculdade Patos de Minas

**DEDICO** este trabalho à minha amiga e orientadora Aline.  
Nossa parceria é incrível.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe, Rosangela, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Obrigada ao meu amigo Bruno, pelas discussões ricas e horas de estudo, companheiro de construções de novas ideias que fazem parte da minha formação e que estarão sempre presentes em minha vida, com certeza.

À minha incrível orientadora Me. Aline, pela orientação, apoio, confiança e, acima de tudo, pelo suporte ao pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Agradeço a todos os professores que me proporcionaram o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade, da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados os quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

*... Cada um de nós é como um homem que vê as coisas em  
um sonho e acredita conhece-las perfeitamente, e então  
desperta para descobrir que não sabe nada...”  
Platão (387 a.C.)*

## **A COLABORAÇÃO DA PSICOLOGIA NO SECTARISMO POLÍTICO COTIDIANO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DEBATE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO**

### **THE COLLABORATION OF PSYCHOLOGY IN THE DAILY POLITICAL SECTARISM: A REPORT OF EXPERIENCE OF DEBATE IN THE UNIVERSITY CONTEXT**

Bárbara Ribeiro Rocha<sup>1</sup>

Aline Fernandes Alves<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Este estudo é um relato de experiência com intuito de problematizar os discursos intolerantes nos debates políticos cotidianos ressaltando sua importância histórica para o desenvolvimento da psicologia social e da psicologia política. Foi proposto um grupo de debate entre os estudantes de psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM) resultando em análises a partir das narrativas produzidas pelos participantes com a construção de uma metodologia de pesquisa qualitativa, visando à construção de uma ação política aberta e investigadora para formar um conhecimento científico que traz questões epistemológicas, ontológicas, históricas e sociológicas. Por fim, buscamos aprofundar a compreensão de que ao engendrar um ato de articulação entre igualdade e diferença no modo de pensar e fazer política e se apropriar do mal-estar no conflito entre os discursos discordantes, encontramos um novo modo de compreender o político e as relações humanas. Os dados construídos pelo grupo foram categorizados em três eixos de análise: (1) A intolerância; (2) Conversar sobre política no Brasil: ultrapassar um tabu!; (3) Onde a psicologia entra nisso? De forma geral, concluímos que a psicologia política deve ter uma análise subversiva e produtora de novas subjetividades, função que em algum ponto, está sendo cumprida e também deve proporcionar a compreensão crítica dos modos de se expressar dentro de uma sociedade desigual.

**Palavras-chave:** Intolerância. Política. Debate.

#### **ABSTRACT**

This study is an experience report in order to problematize intolerant discourses in daily political debates highlighting their historical importance for the development of

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). ba.ribeiror@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre pelo Eixo da Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientadora do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. alineferalves@gmail.com

Social Psychology and Political Psychology. A discussion group was proposed among the Psychology students of the Patos de Minas College (FPM) resulting in analyzes from the narratives produced by the participants with the construction of a qualitative research methodology, aiming at the construction of an open and investigative political action for form a scientific knowledge that brings epistemological, ontological, historical and sociological questions. Finally, we seek to deepen the understanding that by engendering an act of articulation between equality and difference in the way of thinking and doing politics and appropriating the malaise in the conflict between discordant discourses, we find a new way of understanding the political and the political. human relations. The data constructed by the group were categorized into three axes of analysis: (1)The intolerance; (2) Talking about politics in Brazil: overcoming a taboo! (3) Where does psychology come into this? In general, we conclude that Political Psychology must have a subversive and productive analysis of new subjectivities, a function that is being fulfilled at some point and must also provide a critical understanding of the ways of expressing oneself within an unequal society.

Keywords: Intolerance. Politics. Debate.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se constitui do relato da experiência do projeto “Debates Universitários Políticos” concebido para a Mostra Interdisciplinar de Psicologia (MIP), que consiste em uma atividade extracurricular destinada aos estudantes do curso de psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM), na qual estes devem propor e desenvolver pesquisas ou intervenções que articulem diferentes temáticas relacionadas com o fazer prático e teórico desta ciência, proporcionando ao aluno a aproximação entre o estudo teórico e diversos prismas do contexto social. Tal atividade também objetiva a integração entre estudantes de diferentes períodos do curso. O MIP é uma proposta de livre temática onde o desenvolvimento prático das atividades propõe uma ponte entre as disciplinas ofertadas e outros campos de saber dentro do contexto acadêmico. Consistindo, portanto, em processos de interação entre conhecimento racional acadêmico e conhecimento sensível, e de interação entre saberes tão diferentes, e, ao mesmo tempo, indissociáveis na produção de sentido da vida.

O interesse pela realização do trabalho partiu da observação do cenário político que se configurava no ano de 2018 para as eleições presidenciais. Era possível observar a polarização de grupos denominados direita e esquerda. Tal divisão era percebida entre os estudantes de modo radical e por vezes agressivas



nas interações virtuais. Esta observação gerou inquietação e desejo de investigar a temática sobre os debates políticos cotidianos.

Em observações das redes sociais, estes grupos foram sendo percebidos inflexíveis com relação a posicionamentos divergentes, não compreendíamos que as exposições feitas por ambos proporcionavam interações, reflexões ou novas produções. Ao mesmo tempo, proliferavam-se as reduções dos mesmos a estereótipos. A esquerda seria intolerante com a direita ou vice versa? A Direita é fascista e preconceituosa? A esquerda é comunista e intolerante? Só existem essas duas linhas de pensamentos políticos? Há conhecimento sobre o que é político nas pessoas que se fecham a esses discursos? Estamos nos fechando ao invés de buscar novos caminhos?

Nesta linha, compreendemos que a psicologia poderia contribuir com estes questionamentos e reflexões, visto que estamos descrevendo processos de interações humanas, composição de grupos, constituições sociais, temas que dizem respeito ao escopo de estudo e investigação desta ciência, principalmente no que se refere às áreas específicas da psicologia social, psicologia política e diversas correntes que consideram os atravessamentos históricos e sociais nos processos de subjetivação (Silva, 2012).

A relevância de estudos como o presente também se sustenta na ainda escassa produção científica que contempla a interface entre a psicologia e a política, é fato que os primeiros registros sobre o tema no Brasil são encontrados há quase um século, todavia ainda existem muitas lacunas a serem exploradas, inclusive a afirmação das possibilidades de contribuição da psicologia para com estes temas tradicionalmente estudados pelo viés das ciências sociais, antropologia, história e filosofia (Machado, 2016).

Partindo da premissa de que o sujeito carrega em seu corpo, físico e subjetivo, marcas e vivências do processo sócio histórico construído até então, compreendemos que somos sujeitos políticos e fazemos política em nosso modo de viver e no nosso cotidiano de relações. Assim sendo, um ato político, tal qual sustenta a filosofia aristotélica, é toda ação humana que é produzida objetivando o bem comum, ou seja, a possibilidade de viver em sociedade de forma mais potente. Articulado a isso é possível afirmar que a subjetividade também é construída nesses processos de engajamento político, o reconhecimento da contribuição ativa nas

relações sociais e das configurações de organização da sociedade, parece relacionar-se com modos de vida mais produtivos e transformadores (Ramos, 2014).

Foucault (1961) nos apresenta que o processo de subjetivação se dá a partir das relações de poder, as quais são caracterizadas pelo encontro da diversidade, que produz afetação e transformação mútua. Esses sucessivos encontros e a manutenção de constantes processos de transformação são colocados pelo autor como potência, o que podemos aproximar de uma possibilidade de conceituação de saúde mental. Ao passo que a cristalização em movimentos repetitivos ou relações de aniquilamento, subjugo de si mesmo ou do outro, impossibilitam a produção e nos afastam da potência (Dreyfus & Rabinow, 1995).

Alinhado ao que está sendo apresentado Tiburi (2015) afirma que o diálogo é a movimentação que constrói os seres humanos e a interação é o que nos torna capazes de produzir transformações em diversos níveis, essa interação se torna pouco ou quase nada produtiva na presença de intolerância. Nesse sentido se faz necessária a promoção de reflexões acerca dos próprios desejos, motivações e comunicações que produzimos. A forma que me posiciono amplia o diálogo ou promove o silenciamento dos meus interlocutores? Estamos construindo contextos relacionais inclusivos ou exclusivos? Há um movimento social de transformação das realidades existentes?

Alicerçados nas produções teóricas expostas objetivamos analisar as expressões e linguagem presentes nos debates políticos cotidianos no Brasil, buscando compreender o pensamento dos estudantes de psicologia acerca da aceitação ao que lhe é diferente e como lidam com a intolerância frente a esses diálogos no cotidiano.

Assim sendo, foi proposto um grupo de debate para o qual foram convidados docentes e discentes do curso de psicologia da Faculdade Patos de Minas, a temática central que objetivamos discutir circundou a intolerância nos debates políticos cotidianos. A partir da vivência do grupo supramencionado, foram realizadas análises tanto das narrativas produzidas pelos participantes, quanto da experiência vivenciada pela discente, que compõem o presente trabalho.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 O projeto

Este relato faz parte da produção resultante do Projeto de Pesquisa RELATOS DE CASOS & RELATOS DE EXPERIÊNCIA: a prática desenvolvida no CEPPACE do DPGPSI/FPM. Submetido a apreciação ética do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas, CAEE: 92972318.0.0000.8078, tendo como instituição proponente a ASSOCIACAO EDUCACIONAL DE PATOS DE MINAS – AEPM mantenedora da FACULDADE PATOS DE MINAS, sob parecer de aprovação número: 2.758.999, de 06 de julho de 2018 (ANEXO A). É importante destacar que durante todo o processo foram tomados cuidados no que tange à ética na pesquisa com seres humanos, assim sendo os participantes foram resguardados, respeitando e preservando-os de possíveis prejuízos decorrentes da mesma.

Os critérios de inclusão para o projeto “Debates Universitários Políticos” foram: ser discente ou docente do curso de psicologia da Faculdade Patos de Minas (FPM), que após o esclarecimento dos objetivos e métodos, desejasse participar do encontro. Como estratégia de recrutamento desses participantes utilizamos o convite presencial nas salas de aula, e aos discentes foi realizado o convite individualmente. Os estudantes e professores foram orientados a procurar os aplicadores do projeto, caso se interessassem em participar. A partir daí, foi acordado horário e dia viável para todos os interessados.

Concretizada essa primeira etapa de recrutamento, constituiu-se um grupo online de oito estudantes e um professor interessado, sendo que todos confirmaram presença, todavia, apenas quatro estudantes compareceram ao encontro na data e horário previamente agendados.

O projeto “Debates Universitários Políticos” tinha como premissa articular os alunos da instituição com os conteúdos aprendidos nas disciplinas cursadas, a prática do desenvolvimento institucional de promoção do profissional da Psicologia, e refletir sobre como atender as demandas sociais, políticas e educacionais.

O seguinte quadro apresenta a caracterização, em linhas gerais, dos participantes do grupo.

**Tabela 1 - Caracterização dos Participantes**

<b>Profissional</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Período do curso</b>
<b>Participante 1</b>	Feminino	37	8º
<b>Participante 2</b>	Masculino	35	5º
<b>Participante 3</b>	Feminino	65	4º
<b>Participante 4</b>	Masculino	24	8º

## 2.2 O encontro

O encontro foi realizado no espaço físico da faculdade em horário previamente acordado. A proposta foi de composição de um grupo de debate livre, mediado pela segunda autora. Na estruturação do mesmo, utilizamos como recurso disparador a apresentação de charges, *prints* de conversas em redes sociais (ANEXO B) e um vídeo (Youtube, 2018), que abordavam situações, manifestações e representações de perspectivas sobre a tolerância/intolerância nos debates políticos cotidianos, principalmente nas relações virtuais.

Feito isso, os participantes foram estimulados a expressar reflexões, opiniões, pensamentos e inquietações que o material apresentado suscitava. Objetivamos proporcionar um ambiente favorável a livre circulação da palavra, para que então pudéssemos construir junto com o grupo um debate, cuja gravação e posterior transcrição do áudio compuseram o material analisado do presente estudo.

Após leituras do material transcrito a análise foi realizada buscando aproximar a produção grupal com as teorias psicológicas de Martin-Baró, bem como de outros autores, principalmente da psicologia política e psicologia social. É preciso ressaltar que a análise se voltou para o movimento grupal e para as falas dos participantes, enquanto narrativas de diferentes perspectivas do fenômeno alvo do estudo.

Martin-Baró (1988) define que o caráter político depende daquilo que se faz, sua especialidade surge da forma como se faz e que o fazer político está determinado pelo sentido do que se faz. Dessa forma, é necessário investigar as formas de ser e agir de indivíduos donos de vivências pessoais e sociais,

considerando as variáveis que surgem desde o comportamento individual ao sentimento de pertencimento às classes sociais.

A pesquisa em psicologia política e social, para formar um conhecimento científico, traz questões epistemológicas, ontológicas, históricas e sociológicas que perpetuam os saberes acerca da compreensão sociocultural e política dos diferentes contextos a que se referem os processos dos efeitos e impactos na vida humana, em dimensões distintas e opostas, considerando o que é entendido sobre a construção desses conhecimentos e o saber que se tem das realidades sociais (Bloch, 2001).

Com a definição de uma metodologia de pesquisa que visa à construção de uma ação política aberta e investigadora, que busca a oportunidade de dialogar com discursos polissêmicos, é pertinente uma epistemologia que produza estranhamentos, interrogações, surpresas, desconfortos e perplexidade com intuito de novos saberes e novas produções. Um processo teórico e reflexivo que compreenda o diálogo e coloque em dúvida as generalizações e verdades absolutas já consolidadas nas práticas sociais cotidianas. Uma metodologia que não se dissipa em si mesma, exigindo novas estratégias explicativas, provocando uma movimentação na própria ciência.

### **3 CATEGORIA DE ANÁLISE**

A abordagem escolhida para a realização da presente pesquisa foi a qualitativa, por compreender que a mesma apresenta maiores possibilidades de alcançar os objetivos almejados. Tal abordagem não tem como propósito estudar um fenômeno em si, mas sim entender seus significados. A prioridade desta metodologia de pesquisa é trabalhar com concepções, valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões visando “[...] aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente.” (Minayo & Sanches, 1993, p. 247).

Os dados construídos na execução do grupo foram categorizados em três eixos de análises, os quais foi nomeado da seguinte forma: (1) A intolerância; (2) Conversar sobre política no Brasil: ultrapassar um tabu!; (3) Onde a psicologia entra nisso?

### 3.1 O que é intolerância?

Configurando a temática central do presente trabalho, o grupo partiu da conceituação da intolerância e o que ela representa. As falas dos participantes do grupo de certa forma se aproximaram se relacionam com o conceito da dificuldade de conviver e/ou respeitar diferenças, foi possível perceber que há um consenso de que intolerância se relaciona com dificuldades com o diverso, o que resulta em algum nível de violência. Podemos exemplificar com os seguintes trechos:

*Intolerância é isso: a falta de respeito pela opinião do outro. (Participante 1).*

*Acho que a relação da intolerância é, por um lado, também muita falta de empatia do pessoal de querer entender por que a pessoa tem esse pensamento e o que ela defende [...]. (Participante 4).*

As expressões evidenciam a coerência com o conceito de intolerante que Costa (2015) apresenta, resgatando a definição rousseauiana de homem intolerante apresentada na Carta sobre a Previdência, “o intolerante é aquele que condena impiedosamente o seu semelhante”. Tal definição nos remete ao caráter violento que a intolerância parece carregar consigo mesma.

Os participantes do grupo, em linhas gerais, também compartilham da opinião de que atos de intolerância são expressões violentas, todavia, um dos participantes apresenta argumentações pertinentes, ele destaca que os atos de intolerância podem ser respostas de violências sofridas ao longo da vida daquele que os expressa, bem como resultado de falta de informação, dificuldades de acesso à educação ou tentativa de luta por espaço de fala.

*[...] intolerância é um desconhecimento e esse desconhecimento não necessariamente é intencional.*

*E, para algumas pessoas, de alguma forma, você pode entender esse tipo de violência como pessoas que estão lutando para um espaço que talvez ainda não seja acessível para elas. O espaço de debater, discutir, entender, sensibilizar com o que o sujeito nunca tinha ouvido falar.*

*Eu não estou apoiando. Mas estou dizendo por que na maioria das vezes, pode ser ele que já sofreu uma violência. Por exemplo, a violência de não poder estar aqui num curso de Psicologia. Às vezes o ensino pelo qual ele passou pode ter sido bastante violento. As condições econômicas. Então assim, ele não tem tempo para refletir, as vezes, né? Então são múltiplas violências que entram em comunhão. (Participante 2).*

Apesar da argumentação acima apresentada ter sido explanada durante o grupo por apenas um dos participantes, é importante trazê-la para a discussão do presente trabalho, visto que houve concordância significativa por parte do restante do grupo e também por inaugurar no momento do debate uma tentativa de compreender as motivações para que o fenômeno ocorra.

Nessa linha, o movimento grupal caminhou em duas direções, uma delas apontando que ser tolerante seria um exercício cotidiano, uma tentativa que todos nós deveríamos perseguir. Por outro lado, o grupo também convergiu para a narrativa de que atos de violência, preconceitos e injustiças não poderiam ser tolerados.

*Eu acho que a intolerância é um aprendizado. A gente ter tolerância é um aprendizado. Porque o próprio ser humano é instintivo. Dependendo do que ocorre, sem querer, você já pulou a tolerância e foi para a intolerância. (Participante 4).*

*Intolerância é isso: a falta de respeito pela opinião do outro. E intolerância para mim só é tolerável quando você não tolera injustiças. (Participante 1).*

De acordo com as falas dos participantes, se faz uma reflexão acerca da intolerância se relaciona com aquilo que cada um entende como tal, durante as análises, ficou claro que a categorização entre atos intolerantes ou não, perpassam avaliações individuais, subjetivas, o que torna a questão ainda mais complexa, uma vez partindo de categorizações diferentes, por vezes esses atos não são nem mesmo percebidos por aqueles que o expressam.

É possível associar o que está sendo discutido com a citação de Costa (2015) acerca da identificação de quem seria a pessoa intolerante e toda a complexidade que tal caracterização guarda em si:

O conhecimento do que seja um intolerante, sendo este necessariamente um ser humano, não é possível sem a consciência de um contraste profundo e radical no intolerante entre uma humanidade cujas raízes são naturais e uma intolerância onde raízes são históricas. Um homem intolerante, na perspectiva rousseauiana, não deve ser pensado como um ser simples ou que está de acordo consigo mesmo, mas, pelo contrário, como um ser essencialmente complexo e em conflito consigo mesmo pelo que nele há de antagônico entre humanidade e intolerância. (p. 96).

Assim sendo, se faz necessário ressaltar que o tema ainda carece de debates, e também que quanto mais diálogos acerca de todas as nuances que a complexidade da questão expõe, maiores são as possibilidades de ampliar as trocas, lugares de fala, mas também de escuta. Tal movimento poderia ser apontado como alternativa à via de violência que até o presente momento parece ser a que mais se evidencia nos debates cotidianos. Tal argumentação se endossa na seguinte fala de uma participante: *Eu acho que tem intolerância porque não debate. As pessoas tem que aprender a conversar. É saudável. E diminui a intolerância. Eu acredito nisso.* (Participante 3).

### **3.2 Conversar sobre política no Brasil: reconhecer limites e ultrapassar um tabu!**

Outra temática abordada no grupo é a dificuldade que se enfrenta nos momentos em que o debate em torno da política se apresenta no cotidiano. As dificuldades em um primeiro momento são evidenciadas de forma muito articulada com o eixo anteriormente trabalhado, a saber, o discurso intolerante. Diante da dificuldade de classificar e diferenciar os atos de intolerância da convivência com situações de violência, bem como da identificação em si mesmo de dificuldades em tolerar opiniões que julgamos “erradas” por se apresentarem contrárias as nossas, os participantes apresentaram falas em que comprovam que em alguns momentos podem adotar posturas que dificultam o diálogo ou debate sobre política.

*Aí é o diálogo. Mas é difícil. Eu tento me controlar. Quando eu vejo uma opinião diferente eu tento conversar. Igual teve o aniversário da minha avó, aí eu tento conversar. Se os argumentos forem meio radicais, mas tem um certo momento que eu não aguento. Eu acabo sendo radical também por outro lado. ‘Espera aí, você está falando isso por causa de quê?’ Aí acabo indo pelo lado do sentimento. Aí a razão começa a ser perdida. Acho que é aí que toda discussão democrática começa a ser levada por água a baixo. É difícil.* (Participante 4).

*Eu acho que todo mundo tem o direito de se colocar, por isso que eu nem entro em discussão. Não entro mesmo. Se por acaso, eu falar alguma coisa, e a pessoa ‘vir’ discutir comigo, eu falo para ela: Olha, você tem todo direito de respeito, mas eu não gostaria de continuar essa conversa com você e pronto.* (Participante 3).

Também foi possível evidenciar nas falas construídas pelo grupo que há uma questão histórica no que diz respeito ao debate político, especificamente em nosso



país. Os participantes apontam que há uma cultura no Brasil de desqualificar os debates de temas ditos polêmicos, além disso, na opinião dos participantes há uma desqualificação do fazer político e do engajamento político entre a população brasileira, hora associando a possibilidade de tal engajamento ao poder econômico, hora apontando o mesmo como ineficaz ou escasso. Na construção realizada pelo grupo, nos pareceu que os participantes compartilham da opinião de que em nosso país a política praticamente inexistente.

*Não tem nenhum político, tem politicagem. É diferente. Então você vai ver o que é política segundo Platão, Sócrates e Aristóteles. Assim, cai em um sério conflito porque o bem maior, o bem do grupo e os microgrupos e aquilo que vai crescendo e se torna a nação, então assim, não faz o menor sentido a política brasileira, não faz sentido nenhum mandato e o poder que eu tenho, que não tem nada a ver com dinheiro, porque eu sempre quis falar isso, mas é verdade, dinheiro é fetiche do pobre. Dinheiro não é poder. É fetiche. O sujeito ainda acha que com dinheiro ele consegue mudar a estrutura que não tem nada a ver com dinheiro. Tem a ver com autoridade e para você ter uma autoridade constituída, você precisa de um poder. (Participante 2).*

*Ninguém entende de política porque nosso país nunca teve política. Nunca. Então assim, a gente sempre teve um ensino de politicagem. De compra de voto. Num é? De coronelismo. Colonialismo. Então nós não temos essa abertura de discussão. (Participante 3).*

*E falando de razão, quase sempre, especificamente no estudante brasileiro, se ele já não teve preparação política nenhuma no ensino fundamental e no ensino médio, durante a faculdade que essa preparação não vai acontecer. Então assim, não é um julgamento, mas assim, eu estou sendo bem intolerante agora falando isso, mas com certeza ele não tem a menor noção do que é “direita”. O que chega para ele do que é “direita” é que o partido entrega com ideias para ele. Você pode ter certeza que essa pessoa leu pouquíssimo livros, não entende do pensamento ocidental do que é “direita” e “esquerda”, da construção da “esquerda” na América Latina, muito menos no Brasil. (Participante 2).*

*Assuntos como religião e política eram para ser debatidos desde criança. Assim, independente desse tabu que é posto, não deveria ser visto assim. Como debater sobre diferentes religiões, não deveria ser um conflito. Deveria ser um aprendizado. Do mesmo jeito o político, porque se eu sou Direita e a pessoa x é Esquerda, por exemplo. Não tem problema eu tentar entender o porquê que ela apoia esquerda e ela tentar entender o porquê eu apoio a direita. Não é questão de melhor ou pior. (Participante 3).*

A participação política, de forma comum, aparece submetida principalmente à participação partidária política. Sendo assim, o indivíduo que atua politicamente aparece ligado ao sujeito que exerce o papel de votar, que representa ou que manifesta o interesse por ocupar cargos políticos, que se afilia em propostas relativas ao processo eleitoral ou busca interferir em decisões políticas e/ou

governamentais, assim como demonstra Milbrath (1965, citado por Delfino, Zubieta, & Muratori, 2013, p. 303). A ideia de participação política como “o comportamento que afeta ou busca afetar as decisões do governo” acaba por apresentar assim, concepções que incluem implicações dos sujeitos na busca por conhecer e se engajar em ações, interferindo e sendo coparticipante naquilo que deseja para a sociedade, através de formas pré estabelecidas ou de forma institucionalizada de participar politicamente (Marvakis, 2016).

Se faz necessário um olhar que almeja desenvolver pequenas intervenções cotidianas no espaço público, na relação com o outro, com o contexto sócio-político e também sejam tomadas como indicativas de participação política, ou de constituição de um sujeito político. Pensar o sujeito político como aquele que afirma colocações e posicionamentos críticos, que busca desconstruir o que é instuído como verdade absoluta e com pretensão de construir estratégias de resistência, inspirando-nos, para tanto, em Foucault (2010, 2011).

Tal construção de sujeito inclui, ainda, a experiencição do convívio com as diferenças (Castro, 2008; Castro & Mattos, 2009; Mouffe, 2003; 2005), bem como o engajamento na defesa de pautas coletivas, desejando atravessar o bem coletivo e não somente o sujeito individual, como demonstra Castro & Menezes, 2002.

Trata, enfim, da reinvenção de si e dos espaços públicos e da formação de uma identidade coletiva, assim como a sensação de pertence á sociedade como um todo, tal como reflete Prado (2001).

### **3.3 Onde a psicologia entra nisso?**

Ao investigar a interlocução entre o saber da psicologia e os discursos sobre intolerância e política, os participantes manifestaram posicionamentos endossando a necessidade da psicologia enquanto ciência e profissão se comprometer com tais temáticas, bem como incorporar tais realidades às compreensões acerca da constituição subjetiva e os processos relacionais dos sujeitos.

A psicologia política e social ainda tem uma produção incipiente na temática, o que evidencia a necessidade de ampliar as pesquisas nesta área. Mendonça (2016) ressalta que as contribuições da psicologia política são ao sentido de promover espaços de ampliação do debate, o que se compreende como uma prática emancipatória, uma vez que, na medida em que estes sujeitos ampliam suas

capacidades de questionamento e reflexão, conseqüentemente há uma maior possibilidade de resistir às naturalizações que são impostas às relações humanas e que em muitos momentos são produtoras de sofrimento psíquico.

Durante o debate, os participantes ressaltaram a importância do profissional psicólogo refletir acerca de tais temáticas, para que então os discursos intolerantes sejam superados por tais profissionais, compreendendo que a atitude empática é uma característica crucial para a prática ética da psicologia, também foi ressaltado que esta postura deve ser desenvolvida desde a graduação. Tais posicionamentos podem ser evidenciados no seguinte trecho:

*Isso. Se você for intolerante, como você vai cuidar do outro? O outro sempre vai ter uma opinião diferente da sua. Ou não. Mas durante o curso de psicologia, só de você já estar em uma universidade, lendo mais, trocando ideias com outras pessoas inteligentes também, você vai aprendendo essas habilidades de ser tolerante. E para um psicólogo é imprescindível. (Participante 1).*

Nesta mesma linha de raciocínio, também evidenciamos que os participantes compreendem que o curso de psicologia influencia diretamente na constituição de olhares menos intolerantes, o grupo expressa opinião de que tanto as leituras, os estudos teóricos, quanto as reflexões propostas por essa graduação promovem a constituição de indivíduos que em um primeiro momento conseguem identificar melhor as práticas de intolerância, e, a partir disso, também ampliam as possibilidades de evitá-las.

*Para mim a Psicologia abre a cabeça mesmo. É muito rica. Olha o tanto que tenho que aprender. Olha o tanto que tenho que conviver. Para mim é maravilhoso. É interessante e eu gosto dessa escola. (Participante 3).*

*É por conta que na psicologia os professores trabalham muito e com muita simpatia para a gente ter com os nossos pacientes. Vai treinando a gente a ter uma empatia não só com o paciente, mas ter empatia com os pais, com o colega, com os amigos, com o intolerante. Então aquilo que não irei ouvir, ou irei ouvir de maneira diferente, eu ouvir com outros ouvidos. Então, eu falo por mim, porque quando entrei no curso de psicologia, eu era uma pessoa completamente diferente. Eu era uma pessoa muito intolerante. Hoje ainda acho que sou um pouco. Mas assim, eu vejo que o que falava para mim antes, eu ouvia com outros ouvidos ou nem ouvia. Já estava doido para emendar um discurso para rebater. Hoje não. Hoje tudo que eu ouço, eu quero entender o porquê e eu quero apresentar outras formas ou então apresentar outras ideias. Mas esperando que ele também ouça com certa empatia e um ouvido diferente. No momento em que tem uma conversa mais democrática, uma conversa mais tranquila, acho que é isso. (Participante 4).*

Podemos associar o que está sendo deflagrado no discurso produzido pelos participantes do grupo com o papel da psicologia política trazido por de acordo com Parisí (2016), a psicologia política não deve se ater ao papel meramente analítico da sociedade, mas deve também ter uma prática subversiva, construtora de novas subjetividades. O autor destaca que uma importante função seria a promoção de reflexões e questionamentos que sirvam como disparadores para a desnaturalização de processos que são social e politicamente construídos. Diante dos relatos dos participantes do grupo, podemos inferir que esta função, em algum nível, está sendo cumprida, o que não nos isenta do compromisso para com a produção contínua de teorias e intervenções nesse sentido.

#### **4 CONCLUSÃO**

Primeiramente, é preciso destacar que os dados construídos na experiência do grupo de debate foram valiosos e poderia-se explorar de forma ampla, em diferentes ramos de análise, todavia, esgotar todos esses ramos extrapolaria o escopo do presente trabalho, assim sendo, optamos por selecionar aspectos que a priori nos pareceram mais significativos, destacando que foi produzido um banco de dados que posteriormente poderá ser melhor explorado em outros estudos.

Um limite que podemos destacar, diz respeito à composição do grupo, os estudantes que compareceram para a participação do debate, mostrou-se muito coeso e harmônico, percebemos que os posicionamentos de todos os participantes eram similares, sem significativas divergências, de tal forma que não abarcou diferentes posicionamentos políticos, fato que contribuiu para limitar a pesquisa. Se por um lado ficou claro que a intolerância à diferença dificulta transformações sociais, por outro lado, se faz necessário penetrar os mais diversos discursos para ampliar os conceitos que nos define e produzir um novo olhar no desenvolvimento da democracia e no fazer do psicólogo.

A experiência nos auxiliou a aprofundar a compreensão de que ao engendrar um ato de articulação entre igualdade e diferença no modo de pensar e fazer política e se apropriar do mal-estar no conflito entre os discursos discordantes, encontramos um novo modo de compreender o político e as relações humanas. O que torna importante a movimentação de novas discussões sobre o tema, não só no contexto acadêmico, mas para uma melhor compreensão do cenário político do Brasil.

A experiência do grupo pode proporcionar a compreensão crítica dos modos de se expressar nos contextos individuais de cada sujeito, como se dá tal posicionamento, e a importância de compreender o papel que cada um assume dentro de uma sociedade desigual, onde diversas vezes produz e reproduz alienadamente um aparato ideológico que, muitas vezes, nem o próprio sujeito compreende.

Por fim, o estudo pode contribuir para a formação de maiores experiências dentro do campo da psicologia política, analisando o potencial crítico do conhecimento e dessa maneira conduzindo a uma nova práxis que busca focar na transformação social das condições opressivas e suas formas de opressões e submissões, tendo como horizonte a libertação das variadas formas de pensamento mostrando a necessidade de maiores aproximações com o tema.

## REFERÊNCIAS

- YouTube. (2018, abril 25). *Professor esquerdopata descontrolado intimida e ameaça alunos, ataca e difama Jair Bolsonaro*. Retirado em 10 ago. 2018 de <https://youtu.be/zWHY8u95q6k>.
- Foucault, M. O sujeito e o poder. (2010). In: Dreyfus, H. L., Rabinow, P. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2a ed. Rio de Janeiro: Forense.
- Parisi, E. R. (2016). Crise e insurgência, controle da subversão e subversão do controle: o papel da Psicologia Política. In D. U. Domenico & F. Lacerda Junior. *Psicologia Política Crítica: Insurgências na América Latina*. (pp. 15-32). Campinas: Alínea.
- Pavón-Cuéllar, D. (2016). Insurgência, Psicologia Política e Emancipação Humana. . In D. U. Domenico & F. Lacerda Junior. *Psicologia Política Crítica: Insurgências na América Latina*. (pp. 49-64). Campinas: Alínea.
- Machado, F. V., & Costa, A. F. (2016). Ontologia Negativa e o Político: contribuições para a Psicologia Política. In D. U. Domenico & F. Lacerda Junior. *Psicologia Política Crítica: Insurgências na América Latina*. (pp. 65-80). Campinas: Alínea.
- Marvakis, A. (2016). Permanentemente na encruzilhada: servos do poder ou ferramentas para a emancipação?. In D.U. Domenico & F. Lacerda Junior. *Psicologia Política Crítica: Insurgências na América Latina*. (pp. 95-104).
- Costa, J. A. (2015). Rousseau e o mal da Intolerância. Maceió: Edufal.

- Primo, J. S., & Rosa, M. D. (2015). Amizade e Política: considerações sobre a philía e a fraternidade. *Psicologia Política*, 15(33), 377-390.
- Lacerda, F. (2003). O Método em Psicologia Política. *Rev. psicol. polít.*, 3(28), 579-592.
- Souza, E. L.A., Pacheco, M. A. (2014). Civilização intolerância e alteridade. *Trivium*, 6(1), 29-40.
- Lacerda, F. (2013). Psicologia política Latino-Americana. *Rev. psicol.polít.*, 3(28), 559-573.
- Hernandez, A. R. Calvo., Scarparo, H. B. K. (2014). Sobre a pesquisa em psicologia política: das questões sócio-históricas e epistemológicas ao anarquismo contrametodológico de Paul Feyerabend. *Rev. psicol. polít.*, 14(29), 21-34.
- Mendonça, E. S., Correio, D. B. A. A., Correio, C. M. B. H. (2016). Juventude (des)politizada? Ampliando perspectivas no olhar à participação política juvenil. *Rev. psicol. polít.*, 16(35), 87-102.
- Chicareli, S. Panorama da psicologia política contemporânea: correntes, tendências, áreas de atuação e contribuições. *Rev. psicol. polít.*, 14(30), 405-410.
- Tiburi, M. (2015). Como conversar com um Fascista? Reflexões sobre o Cotidiano Autoritário Brasileiro. Rio de Janeiro: Record.
- Silva, A. S. (2012). A Psicologia Política no Brasil: lembranças e percursos sobre a constituição de um campo interdisciplinar. *Psicologia Política*, 12(25), 409-426.
- Ramos, C. A. (2014). Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 55(129), 61-77.

## ANEXO A

Mantenedora  
Associação Educacional de Patos de Minas  
CNPJ: 03.238.898/0001-29




**FACULDADE PATOS DE MINAS**  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO  
EM PSICOLOGIA  
Curso Bacharelado em Psicologia  
Programa de Pós-graduação Lato Sensu de Psicologia em  
Processos Clínicos e Promoção da Saúde

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, Bairro Cidade Nova, 1200, Bloco 3A - Patos de Minas - MG, CEP: 38706-002 - Tel.: (34)3818-2327  
www.faculdepatosdeminas.edu.br / www.dpgpsifpm.com.br

**Gabinete do Coordenador de Graduação**

Documento de Ordem, s/n, DPGPSI.FPM

Patos de Minas, 01 de novembro de 2019.

Aos Cuidados

Pesquisador Responsável – Aline Fernandes Alves

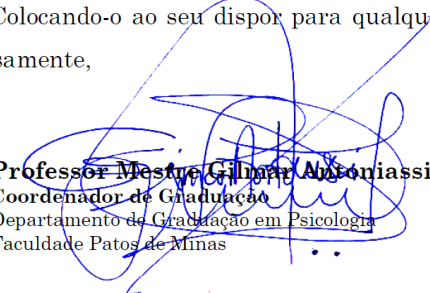
Pesquisador Participante – Bárbara Ribeiro Rocha

C/C.: Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas

**Assunto: DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE E OUTROS ASSUNTOS SE FAZEM.**

O Coordenador do Departamento de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, DECLARA para os devidos fins, que os pesquisadores acima supracitados, autores do estudo, “**A INTOLERÂNCIA NOS DEBATES POLÍTICOS COTIDIANOS**”, faz parte da produção resultante do Projeto de Pesquisa RELATOS DE CASOS & RELATOS DE EXPERIÊNCIA: a prática desenvolvida no CEPPACE do DPGPSI/FPM. Submetido a apreciação ética do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas, CAEE: 92972318.0.0000.8078, tendo como instituição proponente a ASSOCIACAO EDUCACIONAL DE PATOS DE MINAS – AEPM mantenedora da FACULDADE PATOS DE MINAS, sob parecer de aprovação número: 2.758.999, de 06 de julho de 2018.

Colocando-o ao seu dispor para qualquer informação suplementar, firmando muito atenciosamente,

  
**Professor Mestre Gilmar Antoniassi Júnior**  
Coordenador de Graduação  
Departamento de Graduação em Psicologia  
Faculdade Patos de Minas

## ANEXO B

# UM ESTUDO SOBRE A INTOLERÂNCIA NOS DEBATES POLÍTICOS COTIDIANOS

Bárbara Ribeiro Rocha  
Bruno César de Oliveira Silva

## CONSTRUÇÃO DO TEMA

- Observação dos discursos políticos produzidos nas redes sociais

- *Extremismo?*
- *Intolerância?*
- *Percepção nossa?*

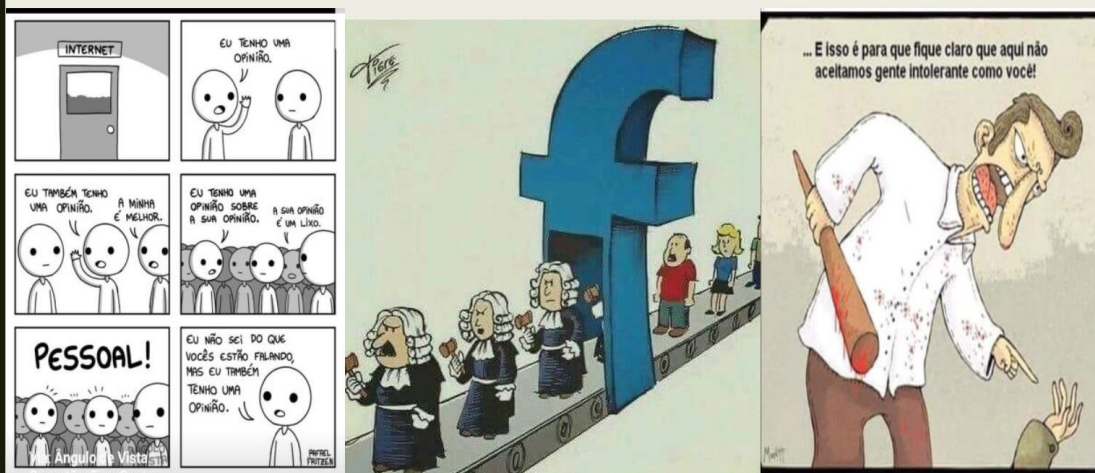
➡ *Quais são os discursos produzidos por discentes e docentes do curso de psicologia sobre a presença ou não de intolerância nos debates políticos cotidianos?*

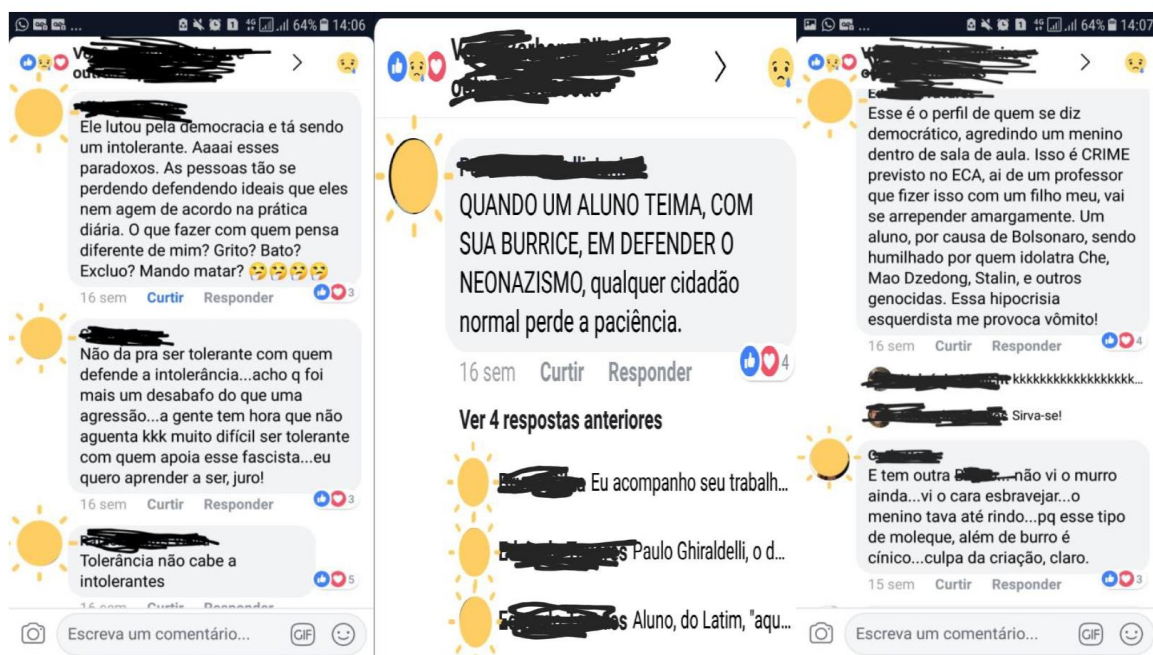


## A INTERVENÇÃO

- Grupo de debate sobre o tema a partir de recursos disparadores;
- Convite: salas de aula e grupos de WhatsApp
- O grupo:
  - ❖ 10 de setembro de 2018
  - ❖ Facilitadora: Prof. Ma. Aline Fernandes Alves (Comitê de ética)
  - ❖ Autores do projeto: observação participante, produção de relatos, apreensão de expressões não verbais
  - ❖ Composição: 5 alunos/nenhum professor
  - ❖ Grupo foi gravado em áudio

## RECURSOS DISPARADORES





## **SOBRE A EXPERIÊNCIA**

- Leituras e aprofundamento teórico acerca da temática: encontros e debates entre os autores.
- Experiência de intervenção em grupo.
- Construção do Relato de Experiência.

## **REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DA INTERVENÇÃO**

- Grupo homogêneo no posicionamento sobre o tema.
- Construção histórica do não debate – intolerância de discursos divergentes, tanto da esquerda quanto da direita
- Conflito X Confronto.

**ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA****Autor Orientando:**

Bárbara Ribeiro Rocha

Av. Juscelino Kubitschek, nº1220, Cidade Nova

(34) 3818 2327

ba.ribeiror@hotmail.com

**Autor Orientador:**

Aline Fernandes Alves

Av. Juscelino Kubitschek, nº1220, Cidade Nova

(34) 3818 2327

alineferalves@gmail.com

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 05 de dezembro de 2019

---

Bárbara Ribeiro Rocha

---

Aline Fernandes Alves



FACULDADE PATOS DE MINAS



## **FACULDADE PATOS DE MINAS**

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU Nº. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

### **Departamento de Graduação em Psicologia**

#### **Curso de Bacharelado em Psicologia**

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC Nº. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME Nº. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

*“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”*

*(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)*